

O NOVO MAGO DO XADREZ: O VERDADEIRO HUGO CHÁVEZ e a GUERRA ASSIMÉTRICA

Coronel (Res) Max G. Manwaring, Exército dos EUA

A PARTIR de 1998, com a eleição de Hugo Chávez Frias para Presidente, a Venezuela e os Estados Unidos têm trocado uma contínua série de ásperas acusações. Os dois países têm repetidamente acusado um ao outro de estar engajado em uma luta política, econômica e militar pela hegemonia do Hemisfério Ocidental. Recentemente, o Vice-Secretário de Estado para Assuntos do Hemisfério Ocidental dos EUA, Roger Noriega, solicitou o apoio da Organização dos Estados Americanos (OEA) para reforçar os mecanismos de sua Carta Democrática para tratar mais eficazmente as ameaças contra a democracia, estabilidade e paz na América Latina.¹ A Secretária de Estado Condoleezza Rice, em seu testemunho perante o Congresso em janeiro de 2005, argumentou que Chávez estava depreciando a democracia na Venezuela e desestabilizando a segurança na América Latina.² Subseqüentemente, o Departamento de Defesa americano apoiou esses argumentos e acrescentou sua preocupação sobre a quantidade de armamentos adquiridos pela Venezuela. Em fevereiro de 2005, o Diretor da CIA, Porter Goss, colocou a Venezuela no topo da lista dos países latino-americanos considerados “áreas de preocupação”, com o potencial de desestabilizar a região.³ E novamente em maio e junho de 2005, respectivamente, Noriega e Rice propuseram a criação de um mecanismo na OEA que monitoraria a qualidade da democracia e o exercício do poder na América Latina.⁴

Chávez respondeu a essas e outras alegações similares dizendo: “O único fator desestabilizante aqui na Venezuela é o Presidente George W. Bush.”⁵ Em março ele falou praticamente a mesma

coisa — que os EUA pretendiam assassiná-lo e que rezava a Deus para que “o protegesse” de Bush e “protegesse o mundo da verdadeira ameaça do Colosso do Norte”.⁶ Chávez argumentava também que sua intenção era simplesmente defender a soberania e a grandeza de seu país e da região.⁷ É baseado nesse conceito que Chávez consistentemente retorna à idéia da “Revolução Bolivariana” (bolivarismo) que, na realidade, tem presunção de desenvolver o potencial da América Latina para realizar o sonho de Simon Bolívar de integração político-econômica e grandeza da América do Sul, para reduzir a hegemonia dos EUA na região e para mudar o mapa geopolítico do Hemisfério Ocidental.⁸ Com base nessa afirmativa, em abril de 2005, a reportagem do jornal *The Economist* disse que Chávez havia se encontrado com Fidel Castro e que, entre outras coisas, proclamou uma alternativa socialista do século XXI contra o estilo capitalista dos EUA nas Américas.⁹

Quem é esse Hugo Chávez? Como podem ser interpretadas as inúmeras acusações e contra-acusações entre os governos da Venezuela e dos EUA? Na tentativa de responder a estas e outras perguntas relativas, concentramos nossa análise no contexto geopolítico contemporâneo da atual política “Bolivariana” da Venezuela. A possibilidade dessa análise depende de um entendimento básico do contexto histórico, político e institucional, dentro do qual é criada a política de segurança nacional, um primeiro passo essencial para a compreensão da situação como um todo. A seguir, uma abordagem com base nos “níveis de análise” proporcionará uma compreensão sistemática de como as opções

de conflito geopolítico possuem uma influência na lógica que determina como uma política do tipo bolivarismo poderá ser implementada na arena de segurança mundial contemporânea. A partir desse ponto é que podemos gerar recomendações no nível estratégico para manter e melhorar a estabilidade na América Latina.¹⁰

O Contexto Político-Histórico

Desde a sua independência até 1958, os caudilhos — inclusive o próprio “Libertador” Simon Bolívar — dominaram a Venezuela, numa sucessão de ditaduras militares. Durante mais de 100 anos, foram escritas, promulgadas e ignoradas mais de 20 constituições. Mais de 50 revoltas armadas causaram a perda de muitas vidas e propriedades.

**Quem é esse Hugo Chávez?
Como podem ser interpretadas
as inúmeras acusações e
contra-acusações entre os
governos da Venezuela e dos
EUA? Na tentativa de responder
a estas e outras perguntas
relativas, concentramos
nossa análise no contexto
geopolítico contemporâneo
da atual política “Bolivariana”
da Venezuela.**

Os partidos políticos tinham pouca importância e os princípios políticos ainda menos. Ao todo, a nação apresentava todas as características de uma sociedade tradicional autoritária e agrícola até o auge da indústria petrolífera após a II GM.¹¹

Da II GM à democracia. As forças políticas modernas ativadas por uma robusta economia petrolífera ocasionaram um experimento de democracia, moderada por um forte governo centralizado. Aquele governo incluía uma autoridade executiva corporativista e um aparato de segurança organizado para guiar e controlar a vida econômica e política do país.¹² Com as eleições realizadas em 1958, houve um compromisso com a democracia, mas esse conceito de democracia não era derivado da tradição anglo-americana, na qual o poder do Estado é limitado e os direitos humanos individuais são fortes. Até certo ponto, a atual tradição de democracia da Venezuela origina-se de uma distorção do conceito “totalitário” de democracia

de Rousseau, onde os indivíduos abdicam seus direitos e interesses pessoais em favor do Estado, em troca de uma imposição estrita da harmonia social e da “Vontade Geral”.¹³ O sistema político da Venezuela foi construído com base nesse contexto, por meio de um acordo entre as elites, onde os partidos dominantes e seus líderes caudilhos têm sido os principais protagonistas. Ao mesmo tempo, o Estado Venezuelano controla a riqueza produzida pela indústria petrolífera e outras empresas e é o principal distribuidor do excedente gerado em uma economia regulada e subsidiada. Portanto, de uma forma ou de outra, todos e tudo na Venezuela dependem do que tem sido chamado do “grante pote” (ou “grande bolo” ou “grande bolada”) do tesouro estatal.¹⁴

A “crise de governabilidade” pós-1992. Vale a pena analisar o tumulto político, econômico e social que cercava Chávez e sua revolução Bolivariana desde a sua tentativa de golpe militar que quase derrubou o governo em fevereiro de 1992. A prisão do Tenente-Coronel Chávez devido ao seu envolvimento no golpe fracassado, sua subsequente libertação, sua esmagadora vitória eleitoral para Presidente da República em 1998, as desordens que quase derrubaram seu governo em 2002, o referendun de 2004 que confirmou sua condição de Presidente e também seu esperado êxito nas eleições de 2006 ilustram, dramaticamente, a luta pela reforma e a frustração popular com os fracassos dos governos democraticamente eleitos.¹⁵ Estes governos deviam ter promovido uma política mais aberta, um desenvolvimento econômico, a paz civil e a prosperidade individual na Venezuela. Em vez disso, eles estagnaram e permaneceram tão fechados como antes. O desenvolvimento fracassou e prevaleceu a desordem política e uma limitada violência. A maioria da população continuava vivendo em relativa pobreza. Este ambiente deu lugar ao crescimento do corporativismo, do capitalismo de cupinchas e o autoritarismo — junto com uma estarrecedora desilusão com a “democracia”.¹⁶

A crise de governabilidade pós-1992, na qual o Estado não foi capaz nem esteve disposto a satisfazer as necessidades nem os desejos legítimos dos venezuelanos, “abriu as portas do poder para a esquerda” e para os populistas-caudilhistas (como Chávez) que “reforçaram suas posições radicais insuflando um grande sentimento antiamericano”.¹⁷ Muitos outros temas que se relacionavam diretamente com a estabilidade hemisférica e relacionamento civil-militar foram subsequentemente expostos. Vamos examinar apenas dois desses temas: a reação venezuelana à “globalização” e

a questão sobre a governabilidade e o papel das Forças Armadas.

Globalização. Além da política americana de “expansão da democracia” na América Latina, a globalização nos obriga a concentrar no conceito de uma democracia transparente e responsável. As rápidas mudanças ocorridas no mundo a partir do fim da Guerra Fria têm desafiado as tradicionais práticas de política fechada, estruturas sociais, normas culturais e estilos de negócios. Conseqüentemente, a integração econômica mundial não somente promoveu uma grande riqueza, mas também uma grande desorganização e deslocamento — bem como a instabilidade política nas comunidades das elites e das massas.¹⁸

Como em todas as revoluções, a globalização representa a mudança de poder de um grupo para outro. Na maioria dos países — incluindo a Venezuela — a globalização abrange uma possível mudança do poder do Estado e seus burocratas para o setor privado e seus empresários. Ao serem realizadas as mudanças, todos os que recebem seus salários e status através de posições administrativas em instituições políticas — ou de subsídios do governo — têm duas opções: podem ser vencedores, se correrem certos riscos no processo de adaptação ao mercado mundial, ou podem ser perdedores, se não participarem na economia cada vez mais regulada e garantida. Isso inclui os gerentes e seus cupinchas que se aproveitam dos monopólios estatais, assim como a população em geral que depende do Estado para a compra de gasolina, alimentos e outros bens de consumo, a preços subsidiados pelo governo.¹⁹

A globalização também pode significar uma mudança fundamental na qualidade de vida para importantes setores da sociedade e uma provável desintegração social resultante da concorrência entre vários setores na luta pessoal pela sobrevivência em uma sociedade incerta. Ao mesmo tempo, a contenda entre esses setores que se arriscariam ou não a mudar o *status quo* econômico básico pode terminar em um provável dilema para as Forças Armadas. Esse assunto e o exemplo a seguir concentram-se no fato de que muitos venezuelanos mais pobres consideram Chávez como salvador e vencedor num país empobrecido e fracassado. Outros venezuelanos — especialmente os da classe média que está diminuindo rapidamente — vêem a Chávez como uma figura sinistra. Acreditam que ele substituirá a democracia por uma autocracia e transformará sua economia ligeiramente socialista em um regime comunista.²⁰

A governabilidade e o papel das FA. As regras

da nova globalização, sejam ou não inaceitavelmente opressoras e socialmente desintegrantes, dependem muito de como são formuladas e postas em prática. Se o governo desenvolve ou não uma atitude política viável e transparente que pode administrar, coordenar e manter a harmonia e o bem-estar nacional, depende novamente de como as regras são formuladas e impostas à população. Isto nos leva ao conceito de governo responsável e ao papel das FA na política venezuelana.

Devemos lembrar que as Forças Armadas Venezuelanas governaram o país durante o século XIX e na primeira metade do século XX. A partir de 1958, houve uma redefinição do papel das FA, em bene-

A crise de governabilidade pós-1992, na qual o Estado não foi capaz nem esteve disposto a satisfazer as necessidades nem os desejos legítimos dos venezuelanos, “abriu as portas do poder para a esquerda” e para os populistas-caudilhistas (como Chávez) que “reforçaram suas posições radicais insuflando um grande sentimento antiamericano”.

fício das influências democráticas responsáveis. A referida definição e transição até agora não foram completadas. A situação é delicada e os fatores que alimentam a desordem política e o envolvimento das FA são latentes. Portanto, é possível que as FA possam reassumir um papel principal no processo político no século XXI.²¹

Pelo supramencionado, pode-se dizer que as FA Venezuelanas sempre presumiram que têm a obrigação de resolver várias crises internas. Quer dizer, se um regime se desvia muito do conceito doutrinário das FA de manter a harmonia social e o bem-estar da nação, os militares interferirão na situação política para corrigi-la. Como resultado, as FA terão um papel no processo político, o qual poderá ser positivo ou negativo — dependendo de como Chávez permitirá a participação dos militares nos processos de tomada de decisão nos assuntos de segurança e a sua implementação.²²

A política de segurança venezuelana. Esta nos leva a duas perguntas feitas anteriormente: Quem é Hugo Chávez? E quais são as implicações para

a democracia e a estabilidade na Venezuela e na América Latina no contexto político-histórico em que Chávez vem tentando implementar o bolivarianismo? O ex-presidente do Brasil, Fernando Henrique Cardoso, analisa a situação de acordo com a sua experiência pessoal e sucintamente expõe sua opinião sobre Chávez e os desafios para a democracia na Venezuela e na América Latina: “Chávez é essencialmente a reencarnação do caudilho do passado. É populista e se julga um salvador. Muito diferente do Lula (Luiz Inácio Lula da Silva, atual presidente do Brasil). Lula não está interessado em salvar o mundo e nem tampouco tem agenda revolucionária para o Brasil nem para o mundo. Chávez, pelo contrário, tem uma agenda revolucionária. O problema é que ele não sabe exatamente o que é. O bolivarianismo é apenas um slogan, que nada significa e somente serve para desperdiçar e arruinar o futuro da Venezuela”.

“Nada mudou com o Chávez. O país permanece o mesmo. A Venezuela continua sendo liderada por uma classe dominante parasita que vive da indústria petrolífera. A maior parte da população está sendo ludibriada e continua sendo excluída como sempre.”

“Enfim, a vitalidade das democracias na América Latina dependerá da ... boa vontade daqueles que acreditam nos valores universais da liberdade para que se mantenham vigilantes e atuem decisivamente contra as tentações totalitárias, que continuam piorando a qualidade da vida política e promovem uma política de falsas esperanças. Significa combater o caudilhismo na Venezuela... e a incompetência em toda a região.”²³

Esta é a realidade do contexto político-histórico da política de segurança venezuelana. É o ponto de partida para entender os casos específicos e para desenvolver as estratégias e princípios de ação que apoiariam ou tentariam combater a política venezuelana. São os dois lados da mesma moeda.

O Problema da Estabilidade e Segurança Venezuelana e Hemisférica

O diálogo de segurança westfaliano da principal corrente ocidental tem demonstrado que muitos líderes políticos e militares e acadêmicos de assuntos internacionais até agora não se adaptaram à realidade da qual atores não-estatais internos e transnacionais podem ser tão importantes quanto os estados-nações na determinação das pautas e conseqüências nos assuntos internacionais.²⁴ Da mesma forma, muitos líderes políticos e militares consideram os atores não-estatais como atores

irrelevantes na esfera de segurança internacional. Muitos consideram esses atores não-tradicionais como um problema secundário para as forças de segurança. Conseqüentemente muitos argumentam que esses atores políticos não merecem uma política prolongada de segurança nacional.²⁵ Não obstante, mais da metade de todos os países do mundo têm problemas para manter suas integridades políticas, econômicas e territoriais, diante dos diversos desafios não-estatais diretos e indiretos, bem como dos internos e transnacionais.²⁶

Além disso, um diálogo mais realista de segurança contemporânea não-tradicional procura concentrar seus esforços e melhorar as percepções reais e populares de relativa estabilidade e bem-estar. A estabilidade e o bem-estar têm a propensão de indicar o emprego de uma variedade de medidas — sendo que apenas uma delas é especificamente militar — para alcançar os objetivos nacionais e regionais de segurança e estabilidade. Por sua vez, os inimigos podem ser nações-estados tradicionais, atores não-estatais externos, agentes internos não-tradicionais, ou substitutos que podem ameaçar a obtenção dos objetivos nacionais e a vitalidade do estado. O diálogo de segurança na América Latina — e na maior parte do mundo — define a pobreza como sendo o inimigo da estabilidade e da segurança nacional e internacional. O inimigo não é necessariamente uma entidade militar definida, que talvez possa ter uma capacidade industrial ou técnica para travar uma guerra. Fundamentalmente, o inimigo se converte em um protagonista político que planeja e implementa ações violentas contra o bem-estar nacional e que explora a instabilidade.²⁷

A tendência atual e mais importante presente no diálogo de segurança é uma transformação calculada e generalizada, que se distancia do conceito dominante tradicional-legal de segurança nacional e soberania orientada para um âmbito total de ameaças de segurança político-militar, sócio-econômicas, nacionais, subnacionais e individuais estreitamente relacionadas. Estas ameaças podem causar mudanças políticas radicais ou o fracasso do estado-nação tradicional. A interdependência reconhecida de cada componente do âmbito de ameaças proporciona o ponto de partida, do qual é possível desenvolver uma visão estratégica para escapar à definição intelectual legal-tradicional fixa (westfaliana) de segurança nacional e soberania.²⁸

Entender os componentes do âmbito nesta conexão, como uma estrutura conceitual e holística proporciona uma visão mais completa da esfera de conflito e uma compreensão mais substantiva



Departamento de Defesa

Seção ordinária do Conselho Permanente da OEA em Washington DC em 16 de novembro de 2005.

do conflito da quarta geração. A lógica da situação demonstra que as preferências da comunidade internacional e os estados-nações sobre como tratar com o conceito mais realista e amplo de ameaças definirão os processos de segurança nacional, regional e mundial, bem como o bem-estar de hoje e do futuro.²⁹

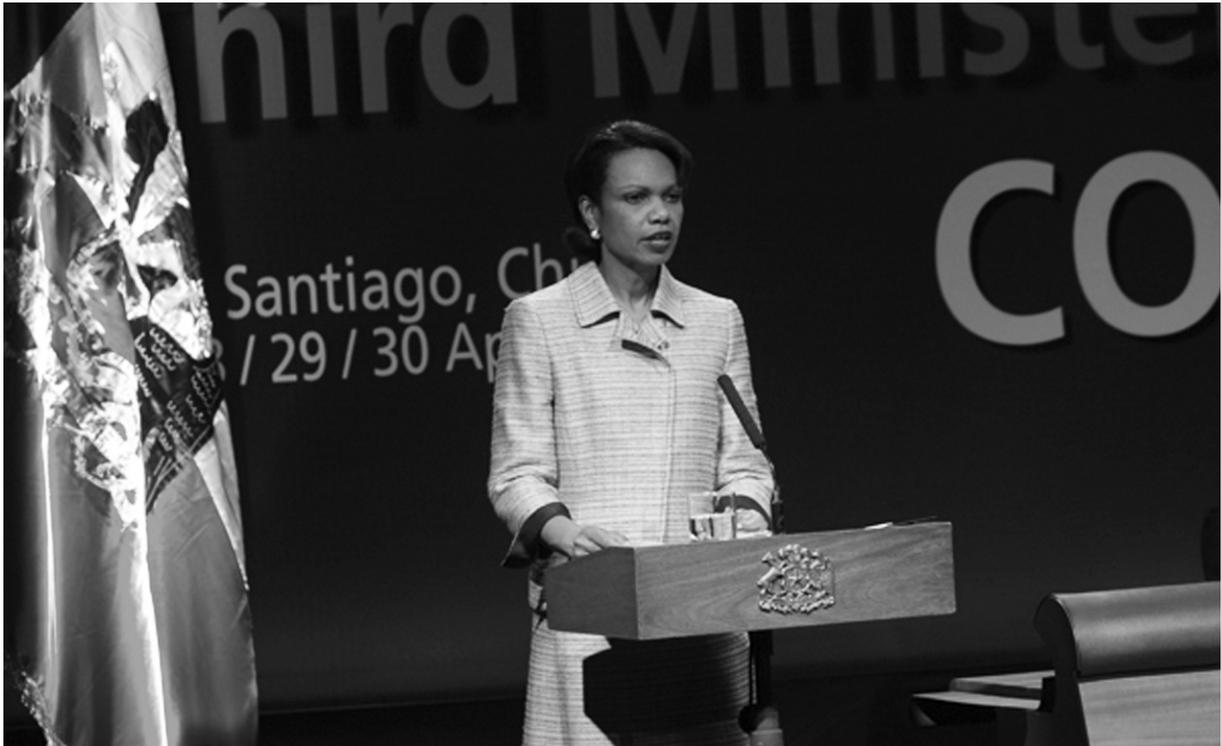
Perspectivas sobre ameaças. Será útil considerar o complexo ambiente de segurança contemporâneo, usando como ponto de referência três níveis de análises – cada um tem um corolário regional (latino-americano) orientado para enfrentar uma possível ameaça venezuelana. A partir desta perspectiva, podemos examinar o conflito assimétrico da quarta geração e suas implicações.

O primeiro nível de análise. É um nível mais ou menos tradicional-legal no nível de estado-nação que abrange a ameaça potencial de guerra convencional entre estados. Por exemplo, Chávez definiu recentemente a Colômbia como a ameaça externa mais crucial.³⁰ Embora remota, também existe a possibilidade inegável de guerra (com base nas disputas fronteiriças a longo prazo) entre a Venezuela e a Colômbia e entre a Venezuela e a Guiana.³¹

O corolário inclui a possibilidade de que a Venezuela apoiará os movimentos populistas radicais em vários países latino-americanos — e

as tensões bilaterais e multilaterais resultantes. O corolário também se refere ao princípio tradicional da não-intervenção. A pergunta é simplesmente: Como deveríamos responder a um país que apóia a desestabilização dos vizinhos? As implicações são enormes. Com base no conceito *westfaliano* de segurança e soberania nacional, a agressão não existe, a não ser que seja óbvia, ou que se possa legalmente confirmar que as forças militares de um país tenham ocupado à força o território nacional de outro. Hoje entendemos que um agressor talvez não seja uma entidade militar reconhecida. O inimigo pode agora converter-se em protagonista estatal ou não-estatal que planeja e efetua atividades diretas ou indiretas, letais ou não letais, militares ou não militares que abalam a estabilidade de outros países. O Hemisfério Ocidental tem que responder à questão relacionada: Como operacionalizamos um sistema baseado em regras para formular uma verdadeira segurança multilateral?

O segundo nível de análise. Esse analisa as ameaças subnacionais contra a estabilidade e soberania (o controle eficaz do que acontece em um determinado território nacional). Os elementos que operam dentro de um estado — tanto como aqueles que operam entre estados — talvez possam gerar ameaças subnacionais, as quais também poderiam ser consideradas como transnacionais.



Departamento de Defesa

A Secretária de Estado dos EUA faz um discurso aos membros da coalizão internacional de nações durante a conferência da Comunidade de Democracias em Santiago, Chile, em 28 de abril de 2005.

Os exemplos incluem, dentre outros, terroristas, insurretos, narcotraficantes e outros delinquentes organizados, populistas, caudilhos e quadrilhas. A ameaça, em qualquer caso, é a intenção de controlar politicamente um governo, mudar radicalmente ou destruir um estado-nação. Um protagonista não-estatal pode causar o que já foi feito antes em dois estados mexicanos e num brasileiro. Isto é, se “o agressor — terroristas, narcotraficantes, quadrilhas, militantes fundamentalistas religiosos ou uma combinação desses protagonistas não-estatais — combina o crime, terrorismo e guerra, poderia ampliar sua já significativa influência. Depois de aproveitar as armas tecnicamente avançadas, inclusive armas de destruição em massa (e ou armas químicas e biológicas), armas de rádio frequência e tecnologia avançada de coleta de inteligência em conjunto com mais sistemas de armas e tecnologias mais comuns — o atacante pode ultrapassar o próprio narcotráfico, roubo, seqüestro e homicídio para converter-se num significativo desafio para o estado-nação e suas instituições.

“Ao empregar a cumplicidade, intimidação, corrupção e indiferença o atacante irregular pode de forma discreta e sutil obter o apoio de políticos e burocráticos para politicamente controlar um enclave geográfico ou político particular. Essa corrupção e distorção podem resultar no surgimento de

uma rede de proteção para o governo contra atividades ilícitas e a criação de um Estado criminoso ou entidade política virtual. Uma série de enclaves organizados em rede pode transformar-se em um dominante protagonista político em um estado ou grupo de estados. Portanto, em vez de competir violentamente com uma estado-nação, um agressor não-tradicional pode apoderar-se do controle do estado por métodos criminosos.”³²

Vale também destacar que o segundo nível de análise inclui os substitutos de outros países. Muitas das “Guerras de Libertação Nacional” travadas em todas as partes do mundo durante a Guerra Fria são exemplos desse fenômeno. Neste contexto, deve-se mencionar que, durante um foro sobre a guerra de quarta geração e guerra assimétrica, Chávez ordenou que as FA venezuelanas desenvolvessem uma nova doutrina militar para tratar com conflitos contemporâneos: “exijo que todos comecem um... esforço em aprender...as idéias, conceitos e doutrina de guerra assimétrica.”³³ O desenvolvimento de uma nova doutrina prepararia o terreno para que a Venezuela empregue todas as redes disponíveis — políticas, econômicas, sociais, informativas e militares — para convencer os líderes de governos inimigos e a população em particular de que sua atual situação política é ilegítima e sem esperança.³⁴ Será, portanto, apenas uma questão de tempo para

que a Revolução Bolivariana prevaleça.

O corolário tem a ver com a possibilidade de a Venezuela auxiliar a desestabilizar grandes áreas da América Latina ao enviar dinheiro e outros meios de apoio para vários atores não-estatais. Especificamente, devem-se considerar as ramificações sobre a estabilidade e segurança devido à possibilidade de a Venezuela enviar dinheiro, tecnologia e armas para movimentos radicais e grupos insurretos em todas as partes da América Central e do Sul. Talvez o exemplo de desestabilização regional que mais chame a atenção seja a possibilidade de as FA da Venezuela apoiarem as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC). A questão que atormentou o mundo ocidental e suas relações com a União Soviética e a China durante a Guerra Fria (e ainda continua atormentando) é: Qual deverá ser nossa atitude contra um país que talvez ajude outro a mudar governos por meio de medidas revolucionárias? Também, como respondemos quando um país apóia partidos políticos ou movimentos legais — tais como os sandinistas nicaraguenses, populistas bolivianos e equatorianos — que atuam em democracia? Uma pergunta estreitamente relacionada é: Quais são os meios mais eficazes de apoio a um país, que está sob a mira do bolivarismo, para resistir a esta atração revolucionária?

As implicações neste segundo nível de análise são intimidantes. Dada a natureza inter-relacionada, multidimensional, multiorganizacional e multinacional do conflito contemporâneo, os aspectos de segurança e estabilidade são demasiado grandes e importantes para serem relegadas apenas às FA ou à polícia de um país. É um problema de estados-nações e todos os instrumentos do poder nacional devem responder de maneira unificada. Por sua vez, ações transnacionais apóiam a maioria das ameaças subnacionais contra a segurança e a soberania. Ameaças transnacionais exigem respostas transnacionais (ou multilaterais). Portanto, a segurança e estabilidade de uma nação particular também é um problema de comunidades regionais e mundiais. Outra questão muito relevante sobre a segurança hemisférica é: Como o estado-nação e a comunidade multilateral podem fazer uma combinação de capacidades militares, de segurança pública, inteligência, procedimentos legais, informativos e morais adequadas para combater as ameaças assimétricas ou de quarta geração?

O terceiro nível de análise. O terceiro nível analisa a segurança e o bem-estar pessoal do indivíduo como cidadão. Logo passa a proteger toda a população contra atores internos não-estatais e

inimigos externos — e, talvez em alguns casos, de governos internos (locais e regionais) repressivos. O problema de segurança individual finda com o estabelecimento de um controle firme e justo de todo o território nacional e de sua população. É útil pensar nos perpetradores como ameaças terciárias contra a segurança individual. As raízes desses problemas (pobreza, falta de serviços humanos básicos e instituições de segurança governamentais corruptas, inadequadas ou inexistentes no território nacional) devem ser reconhecidas como ameaças secundárias. A inabilidade ou falta de vontade do governo para abordar as ameaças secundárias e terciárias devem ser entendidas como se fossem as

Muitas das “Guerras de Libertação Nacional” travadas em todas as partes do mundo durante a Guerra Fria são exemplos desse fenômeno. Neste contexto, deve-se mencionar que, durante um foro sobre a guerra de quarta geração e guerra assimétrica, Chávez ordenou que as FA venezuelanas desenvolvessem uma nova doutrina militar para tratar com conflitos contemporâneos: “exijo que todos comecem um... esforço em aprender...as idéias, conceitos e doutrina de guerra assimétrica.”

ameaças principais (as mais importantes). Como consequência, os estrategistas e os tomadores de decisões devem considerar os três níveis de ameaça para tratar com os problemas individuais de segurança.³⁵

Como Chávez entende tudo isso, ele instituiu programas socioeconômicos e de segurança para fortalecer sua posição e base de poder pessoal. Gasta grandes quantidades de dinheiro no amorfo Plano Bolívar 2000 que constrói e renova escolas, clínicas, creches infantis, estradas e casas populares. Também desenvolve programas de ajuda social em educação e alfabetização, reformas agrárias e cooperativas para trabalhadores. Ele criou ainda o MERCAL, uma companhia estatal que proporciona

gêneros alimentícios subvencionados para os pobres. Também conseguiu o serviço de 16.000 médicos cubanos para tratarem das necessidades médicas das classes mais pobres. Sem dúvida alguma, estes programas socioeconômicos oferecem benefícios tangíveis para a população venezuelana geralmente negligenciados pelos governos anteriores.³⁶

Os programas para melhorar a segurança venezuelana e a harmonia social são inúmeros, ambiciosos e rápidos. Primeiro, a Constituição de 1999 proporciona a autonomia política e institucional para as Forças Armadas sob o controle centralizado do Presidente e Comandante-em-Chefe. Mesmo assim, Chávez criou uma Força de Polícia Nacional independente, subordinada diretamente ao Presidente e fora do controle tradicional das FA. Simultaneamente, foram alocadas verbas para o estabelecimento de uma Reserva Militar e duas organizações paramilitares com um total de 1,5 milhão de integrantes — a Frente Bolivariana de Libertação e o Exército do Povo em Armas (*Army of the People in Arms*). As FA e a Polícia realizam as missões tradicionais de defesa nacional e segurança interna em preparação para conflitos de quarta geração. O Componente da Reserva Militar e as forças paramilitares têm a responsabilidade de proteger o país contra uma invasão norte-americana e/ou colombiana, ou de resistir a tal invasão por meio de uma insurreição à moda iraquiana e atuar como forças armadas contra qualquer oposição.³⁷ A separação institucional entre essas várias organizações de segurança não permite que uma controle as demais, porém a centralização dessas instituições sob o comando do presidente garante o seu controle absoluto da segurança pessoal e da “harmonia social” na Venezuela. Finalmente, supõem-se que a compra de helicópteros e 100.000 fuzis *Kalashnikov* da Rússia e aviões de transporte e lanchas de patrulhas da Espanha proporcionaram às forças de segurança venezuelanas e ao seu comandante-em-chefe capacidades tradicionais e revolucionárias sem precedentes.³⁸

O corolário nos transporta de volta aos problemas de avaliar a democracia, a não-intervenção e a instabilidade regional, nacional e subnacional na Venezuela e na região latino-americana. As questões análogas tratam com a natureza contínua da relação interdependente entre a segurança pessoal e coletiva, estabilidade, desenvolvimento, paz e democracia e como formular uma resposta adequada para estes principais assuntos humanos.

No contexto da segurança latino-americana, a consequência mais importante do componente

de segurança do terceiro nível da área do conflito atual está relacionada à questão de se conseguir um desenvolvimento socioeconômico que se mantenha em equilíbrio com a segurança e a liberdade. A experiência mundial e a longo prazo demonstra claramente que a incapacidade ou a falta de vontade do governo para realizar suas funções fundamentais de governar e proporcionar a segurança pessoal levam ao status de estados fracassados ou estados a caminho do fracasso.³⁹ Muitos dos contratempores relacionados devem-se a instituições frágeis ou inadequadas, que formulam respostas erradas e atrapalhadas para a solução de problemas como a pobreza ou o crime organizado. Portanto, como fortalecemos as instituições estatais à medida que realizam suas legítimas funções governamentais e de segurança?

Conclusões. Chávez entende que o conflito mudou, não mais se limitando a apenas o uso da violência para conseguir o objetivo político desejado. Pelo contrário, deve-se adotar todas as medidas disponíveis para impor a nossa vontade ao inimigo. O poder de fogo superior não é mais uma panacéia e a tecnologia talvez não ofereça uma vantagem de conhecimento nem de informação. Um guerreiro astuto irá planejar sua campanha segundo as vulnerabilidades político-econômicas e a percepção psicológica do adversário. Em suma, parece que Chávez está engajando em conflito (assimétrico) de quarta geração. Ao mesmo tempo, parece que, como um guerreiro astuto, ele está preparado para “destruir e depois reconstruir” de uma maneira verdadeiramente revolucionária.⁴⁰

O Desafio Assimétrico

Nosso estudo dos três níveis analíticos do conflito indica que as guerras intra-estatais e interestatais incluem um âmbito total de tipos de conflitos estreitamente interconectados. Portanto, no lugar de se considerar cada nível de conflito como uma forma independente de guerra, é mais útil pensar que cada um é uma parte dentro do conceito de guerra total.⁴¹ Além disso, dois pontos adicionais devem ser levados em conta. Primeiro, os vários níveis de conflito nem sempre seguem um ao outro em ordem descendente ou ascendente. Frequentemente se superpõem no tempo e lugar, possibilitando vários níveis de conflito simultaneamente. Segundo, embora seja possível empregar as forças armadas no menor nível possível versus os elementos não-militares, bem como medidas letais versus não-letais em guerras internas (subestados), isso não significa que os conflitos de segundo ou terceiro nível representem uma manifestação inferior



Departamento de Defesa

O Presidente Hugo Chávez Frías desembarca do navio venezuelano A.R.B.V. CIUDAD BOLIVAR após uma visita ao Capitão e sua tripulação em 13 de março de 2002.

de guerra em comparação com as guerras diretas entre estados. É importante considerar e preparar para a guerra como um todo; isto é, considerar a guerra como o denominador comum dos três níveis analíticos do conflito.⁴² Também é útil pensar que o todo é maior que a soma das partes. Agora e no futuro, o âmbito total de ameaças de segurança talvez possa apresentar-se em guerras de quarta geração ou assimétricas.

Quatro gerações de guerra. Além dos temas tradicionais de segurança entre estados, uma série de ameaças não-tradicionais atualmente desafia a comunidade internacional dentro e fora de cada país. Neste contexto existe apenas uma norma comum para os conflitos atuais: não há normas. Nada é proibido.⁴³ Essa é a guerra na era da globalização. Embora menos cruenta, não é menos brutal. Pode-se observar estas características num breve resumo do que freqüentemente se chamam os métodos de guerra de primeira a quarta geração.⁴⁴ Também devemos observar que cada geração ou método de guerra não é totalmente diferente nem separada das demais. A cada uma delas é acrescentada uma metodologia subsequente e todas se sobrepõem. Ainda assim, existe uma combinação de metodologias do passado — mais outros

conhecimentos baseados na tecnologia e em outros ingredientes técnicos — que podem produzir o que Qiao Liang e Wang Xiangsui chamam de um “coquetel”.⁴⁵ Isso é importante, pois o nosso sumário abaixo referente a conflitos de primeira à quarta geração é muito generalizado para se obter simplicidade e brevidade. Esse conceito-coquetel é uma tentativa para demonstrar a complexidade, a flexibilidade e a letalidade da quarta geração (assimétrica) de guerra.

O conflito de primeira a terceira geração. A primeira geração de guerra é caracterizada por uma guerra de desgaste, na qual uma tecnologia mais atrasada tem sido o principal meio de conduzir um conflito desde os primórdios dos tempos. A idéia básica é que quanto maior o número de baixas (mortos ou incapacitados) entre os oponentes em relação ao nosso lado, melhor. Historicamente, a guerra de desgaste parece servir apenas àqueles protagonistas com o maior número de recursos humanos. Quando defrontados com um oponente numericamente superior, torna-se importante encontrar outros meios para compensar a inferioridade numérica.⁴⁶

O objetivo da guerra de segunda geração foi prover ao combatente numericamente inferior,

meios para vencer seu oponente. O conceito básico é empregar a surpresa, velocidade e letalidade para exercer pressão sobre os pontos fracos do inimigo. Em suma, a força militar que pode “manobrar, disparar e comunicar” mais eficazmente que o seu oponente leva vantagem e provavelmente vencerá.⁴⁷ A *blitzkrieg* da II GM e o enfoque americano de “assustar e atemorizar” (*shock and awe*) durante a Guerra do Golfo e a Operação *Iraqi Freedom* são exemplos destes métodos e nos levam à próxima geração da guerra.

Os conflitos de terceira geração se desenvolvem desde o emprego flagrante de força física até o

O conflito de quarta geração. Essa é a metodologia empregada pelos beligerantes mais fracos contra os mais fortes. A principal característica é a assimetria ou o uso da disparidade entre os partidos rivais para terem mais vantagem. A estratégia assimétrica tem sido definida como “atuar, organizar e pensar diferente dos oponentes, a fim de aumentar a sua própria vantagem, explorar a do inimigo, obter a iniciativa ou manter a liberdade de ação.

emprego da força intelectual para alcançar o objetivo contra o inimigo. Requer uma transição do uso do poder contundente até o mais flexível. Além de empregar os métodos de primeira e segunda geração tende a aproveitar a inteligência, operações psicológicas, técnicas e outras medidas baseadas no conhecimento como multiplicadores de força. A intenção básica de poder flexível é proporcionar medidas mais eficazes e eficientes, paralisando a ação inimiga.⁴⁸ Deve-se ressaltar que, enquanto a força intelectual (ou flexível) é menos cruenta que o emprego de poder concentrado — como a infantaria, artilharia, carros de combate e aeronaves — o objetivo final continua o mesmo: forçar o inimigo a ceder perante os interesses do outro oponente.

O conflito de quarta geração. Essa é a metodologia empregada pelos beligerantes mais fracos contra os mais fortes. A principal característica

é a assimetria ou o uso da disparidade entre os partidos rivais para terem mais vantagem. A estratégia assimétrica tem sido definida como “atuar, organizar e pensar diferente dos oponentes, a fim de aumentar a sua própria vantagem, explorar a do inimigo, obter a iniciativa ou manter a liberdade de ação. Pode ter dimensões psicológicas e físicas”.⁴⁹ Embora este conceito seja tão velho quanto a própria guerra, não é do agrado de alguns militares e líderes políticos. Eles debatem que a assimetria não é a maneira correta de combater para “um verdadeiro soldado”, porque não a consideram um jogo limpo. Essa opinião é lamentável. Muitos militares e líderes políticos parecem não ter aprendido que, no conflito contemporâneo, os terroristas, insurretos, narcotraficantes, paramilitares e outros beligerantes estatais e não-estatais (inclusive Chávez) podem ser segundo Ralph Peters “competidores sábios”. Peters argumenta que os competidores sábios não irão sequer tentar nos derrotar de acordo com as nossas condições, mas tentarão transformar o tipo de combate fora das tradicionais confrontações militares ou efetuar operações terroristas (ou guerra por procuração) ou outras formas não-tradicionais de agressão contra a nossa integridade nacional. Somente os tolos combateriam de uma maneira justa.⁵⁰ O Coronel Thomas X. Hammes também nos lembra que a quarta geração é o único tipo de guerra que os EUA perderam.⁵¹ Portanto, é necessário mais do que um sistema de armas e tecnologia. É preciso um pensamento lúcido, incisivo e engenhoso, bem como a determinação, a imaginação e certo desapego ao convencional.

O conceito de “coquetel”. Liang e Xiangsui explicam que qualquer variedade de cenários e ações completamente diferentes pode desenvolver-se por meio da mistura de diversos métodos ou gerações de conflito, junto com algumas bem-selecionadas iniciativas. Para dar asas à imaginação e flexionarmos o raciocínio para contemplarmos a vasta gama de possibilidades e analisarmos a complexidade aparentemente irrestrita do conceito de coquetel, podemos considerar o conflito assimétrico atual como o jogo letal “Xadrez Mágico”. É educativo e moderado: “Nesse jogo, os protagonistas movem sutil e silenciosamente as peças por todo o tabuleiro. Sob o comando calculado dos jogadores, cada peça representa um tipo diferente de aplicação de poder direto e indireto e pode conduzir simultaneamente seus ataques letais e não-letais de direções diversas. Nenhuma peça perdoa seu adversário e está preparada para se sacrificar a fim de permitir que outra peça tenha

a oportunidade de destruir ou controlar um adversário — ou dar um cheque mate no rei. A longo prazo porém, esse jogo não é um teste de perícia em criar instabilidade, conduzir ilegalmente a violência ou conseguir satisfação moral, ideológica e comercial. No final das contas, é um exercício de sobrevivência. Fracassar no ‘Xadrez Mágico’ não é uma opção.”⁵²

O desafio da guerra assimétrica. Os conflitos entre estados e dentro de estados provavelmente terão nomes, motivos, tipos e níveis de violência diferentes. Independente de como são chamadas, podemos identificar essas guerras não-convencionais pelos seus objetivos principais e por seus resultados. São aplicações calculadas de coalizões militares ou não-militares, letais ou não-letais, diretas ou indiretas, ou das já mencionadas combinações de todos os métodos “injustos”, com a intenção de resistir, se opor, obter controle ou derrubar um governo existente ou símbolo do poder — e efetuar uma transformação política fundamental.⁵³

Conclusões. Isso nos leva a duas perguntas feitas em conjunto com o estudo dos níveis de análise do âmbito do conflito, inclusive a guerra de quarta geração. Primeiro: “Como podem ser interpretadas as acusações entre os EUA e a Venezuela?” Segundo: “Quais são as implicações para a democracia e estabilidade na América Latina?” As respostas talvez possam ser encontradas no tipo de conflito que Chávez parece ter escolhido para apoiar sua Revolução Bolivariana. Este tipo de conflito pode ser descrito como um conjunto dos métodos da primeira à quarta geração de guerra e integra todo o âmbito das ameaças analíticas do primeiro, segundo e terceiro nível que agora passaram a ser chamadas de guerra de quarta geração ou assimétrica. E, para enfatizar suas conseqüências letais, retiramos de uma página das aventuras de Harry Potter e passamos a chamar de “Mago do Xadrez”. Seja como for chamado, o sucesso naquele tipo de arena de segurança exige uma base interna segura e harmoniosa no terceiro nível de análise.

Sem poder convencional para desafiar os EUA ou mesmo qualquer de um de seus países vizinhos, Chávez parece ter decidido que a guerra assimétrica é um meio lógico de expressão e de auto-afirmação. Isto é, esse tipo de conflito holístico está baseado em palavras, imagens e idéias. Refere-se às percepções, crenças, expectativas, legitimidade e a vontade política para tentar efetuar esta ambição revolucionária tão mal definida como o bolivarianismo. E quanto mais messiânica a visão, maior a

probabilidade de que seu líder e seus partidários continuem comprometidos com o emprego dessas medidas político-psicológicas. Não se vence este tipo de conflito empregando as FA para se apoderarem de um território específico, nem para destruir determinados edifícios e cidades. A vitória é obtida alterando-se os fatores político-psicológicos mais relevantes em uma determinada cultura.⁵⁴

Tomemos o exemplo atual da Bolívia. Durante um período de cinco anos, o país experimentou uma série de crises político-psicológicas na qual três presidentes foram forçados, de maneira antidemocrática, a deixar o cargo. Mais recentemente, o ex-presidente Carlos Mesa renunciou a presidência para apaziguar os protestos, em grande escala,

Os oponentes da guerra de quarta geração não são invencíveis. Podem ser derrotados e dominados, mas apenas por meio de ações coerentes e pacientes que incluam todas as agências de um governo e seus aliados internacionais.

organizados por poderosos grupos populistas e para evitar uma possível guerra civil. Não obstante, os líderes da oposição não permitiram que dois dos seguintes constitucionalmente nomeados presidentes assumissem a presidência. Finalmente chegaram a um acordo quando o terceiro na linha sucessória para a presidência — o presidente da Suprema Corte, Eduardo Rodríguez — concordou em convocar uma eleição rápida.⁵⁵ Se Evo Morales e seu Movimento Socialista vencerem as eleições, como é esperado — ou se forem impostos à semelhança do sucessor de Mesa — será um grande acontecimento para o seu novo melhor amigo Chávez!

Os líderes populistas — tais como Morales, Chávez e outros — exploram as queixas populares para assumir e manter o poder político. Seu sucesso se origina de suas promessas solenes de resolver os problemas nacionais e individuais sem levar em consideração os processos democráticos lentos, obstruintes e corruptos. Por meio da mobilização das massas, apoio às demonstrações e violência, os líderes populistas demagogos se encontram com poder suficiente para reivindicar um mandato

e ficarem acima das constituições, legislaturas, partidos políticos e poder judicial para governar como quiserem.⁵⁶

Esta é a base das acusações e contra-acusações diplomáticas e a resposta à questão da democracia dentro do contexto do bolivarianismo. É o ponto de partida para entendermos o que Chávez quer fazer e o que espera alcançar com suas ações. É o ponto de partida para entendermos os efeitos secundários que formam o ambiente de segurança no qual devem lutar e sobreviver os países da América Latina e do Hemisfério Ocidental. É também o ponto de partida para desenvolver a visão estratégica a fim de reagir ao populismo radical, ao caudilhismo, à instabilidade e ao caos que representam. Noriega talvez tenha razão em afirmar que as numerosas ameaças, variadas e não-tradicionais (em direção às quais Chávez gravita), podem “desafiar nossas democracias e solapar a segurança e prosperidade de nossos cidadãos e muitos de nossos estados”.⁵⁷

Recomendações

Os oponentes da guerra de quarta geração não são invencíveis. Podem ser derrotados e dominados, mas apenas por meio de ações coerentes e pacientes que incluam todas as agências de um governo e seus aliados internacionais. Este tipo de ação abrange os campos da política, diplomacia, defesa, inteligência, segurança pública e desenvolvimento sócio-econômico. Esses esforços devem ser organizados como uma rede em vez das tradicionais burocracias verticais da maioria dos governos. São necessárias mudanças fundamentais na maneira pela qual os líderes e funcionários do governo, em todos os níveis, são treinados, formados, promovidos, desdobrados e empregados. Finalmente, esse processo interagência e multilateral deve empregar a sua influência coletiva durante toda a duração do conflito — do planejamento inicial até a realização final de uma paz duradoura.⁵⁸

O principal desafio, portanto, é assumir o fato de que existe uma necessidade premente de mudar de uma abordagem militar-policial singular para um paradigma multidimensional e multinacional o qual, por sua vez, exige uma estrutura conceitual e organizacional para promover um planejamento unificado civil-militar e a implementação de respostas transnacionais para ameaças transnacionais. Devido às realidades atuais, é inaceitável o despreparo adequado às contingências assimétricas atuais e futuras. Pelo menos cinco imperativos educacionais e organizacionais são necessários para implementar

as mudanças previamente mencionadas.

1. Os líderes civis e militares em todos os níveis devem aprender a natureza fundamental da subversão e da insurreição, particularmente aos métodos militares e não-militares, letais e não-letais e a força direta e indireta que podem ser empregadas para alcançar os objetivos políticos. Devem também entender a metodologia em que as considerações político-psicológicas afetam o emprego da força — e de que modo a força afeta os esforços político-psicológicos.

2. Os elementos civis e militares devem ser capazes de operar eficaz e reciprocamente em coalizões ou contingentes multinacionais. Ambos devem, ainda, ter a capacidade de tratar com a população e com a mídia local e global. Como consequência, os esforços que aumentam a cooperação entre agências, bem como um conhecimento cultural internacional — como, por exemplo, programas de intercâmbio civil e militar, programas de treinamento de idiomas e exercícios combinados (multinacionais) — devem ser revitalizados e expandidos.

3. Os líderes devem saber que precisam de uma capacidade muito inovadora de coletar inteligência para combater nas guerras de quarta geração. Essa capacidade inclui a utilização ativa de operações de inteligência como elemento dominante da estratégia e da tática.

4. Os atores políticos não-estatais participantes de qualquer aspecto ou fase do conflito provavelmente têm à sua disposição uma expressiva coleção de armas e técnicas convencionais e inovadoras. As “guerras selvagens de paz” colocaram, e continuarão colocando, em perigo as FA e os contingentes civis de apoio. A formação dos líderes deve preparar os “mantenedores da paz” para serem combatentes eficazes.

5. Os governos e as organizações internacionais (como a OEA) devem ser reestruturados ao máximo necessário para estabelecer os devidos mecanismos políticos a fim de alcançar uma unidade eficaz de esforço. Seu objetivo é assegurar que a aplicação de vários instrumentos de poder civil-militares contribuam diretamente com a meta comum aceita.

Estes desafios e tarefas são partes das realidades básicas do conflito assimétrico do século XXI e as consequências, quando não levadas a sério, são claras. Se a nossa filosofia, ação e organização não forem reorientadas para lidar com as realidades de informações e tecnologia baseadas no conhecimento da guerra de quarta geração, os problemas de estabilidade e segurança mundial, regional e sub-regional resolver-se-ão por si mesmos, de uma forma que não agrada a todos. **MR**

Referências

- NORIEGA, Roger F; Subsecretário de Estado para Assuntos do Hemisfério Ocidental (seus comentários feitos para o Colégio Interamericano de Defesa, Washington, D.C., 28 out 2004).
- "Transcript: Day Two of Rice Testimony," *Washington Post*, 19 jan 2005, disponível em: www.washingtonpost.com/wp-dyn/articles/A21135-2005Jan19.html, acesso em 24 ago 2005.
- PARDO-MAURER, Roger, Subsecretário Auxiliar de Defesa, entrevistado pelo autor, Washington, D.C., 2 fev 2004; *Radio Nacional de Venezuela*, 17 fev 2005.
- BRINKLEY, Joel; "U.S. Proposal in the O.A.S. Draws Fire as an Attack on Venezuela," *New York Times*, 22 maio 2005; Condoleezza Rice, Secretária de Estado (seus comentários na Assembléia Geral da OEA, Departamento de Estado dos EUA. (DOS), Washington, D.C., 5 jun 2005), disponível em: www.state.gov/secretary/rm/2005/47228.htm, acesso em 24 ago 2005.
- CHÁVEZ FRIAS, Hugo; citado em *El Universal*, Caracas, Venezuela, 25 fev 2005; DOS, "Venezuela Playing 'Destabilizing Role' in Latin America," 31 mar 2005.
- CHÁVEZ, citado no *Daily Times*, Salisbury, Maryland, EUA, 14 de marzo de 2005.
- Ver *Europa Press*, Madrid, Espanha, 3 abr 2005.
- Radio Nacional de Venezuela*, 27 e 28 set 2004; *El Universal*, 8 abr 2005.
- "Special Report: Hugo Chavez's Venezuela," *The Economist*, 14-20 maio 2005, p. 25.
- GRINDLE, Marilee S. e THOMAS John W.; *Public Choices and Policy Change* (Baltimore, Maryland: The Johns Hopkins University Press, 1991).
- HERRING Hubert; *A History of Latin America* (Nova York: Alfred A. Knopf, 1972), pp. 513-14. Ver também Winfield J. Burggraf, *The Venezuelan Armed Forces in Politics, 1935-1959* (Columbia, Missouri: University of Missouri Press, 1972).
- Para ler alguns excelentes debates sobre as tradições corporativas latino-americanas em geral e especificamente na Venezuela, ver *Authoritarianism and Corporatism in Latin America*, editor, Howard J. Wiarda (Gainesville, Florida: University Press of Florida, 2004). Ver também MEYERS, David J.; "Venezuela's Punto Fijo Party System," em *Wiarda*, pp. 141-72; LOMBARDI, John V.; *Venezuela: The Search for Order, the Dream of Progress* (Inglaterra: Oxford University Press, 1982).
- TOCQUEVILLE, Alexis de; *Democracy in America*, editores, J.P. Mayer e Max Lerner (Nova York: Harper & Row Publishers, 1966), pp. 213-26. Ver também ROUSSEAU, Jean Jacques; *The Social Contract*, tradutor, G.D.H. Cole (Chicago, Illinois: Encyclopedia Britannica, Inc., 1952); John Locke, *Of Civil Government, Second Treatise of Civil Government* (Nova York: Gateway, sem data de publicação).
- GUERON, Carlos; "Introduction," no *Venezuela in the Wake of Radical Reform*, editor, Joseph S. Tulchin (Boulder, Colorado: Lynne Rienner Publishers, 1993), pp. 1-3.
- Ibid.* Ver também ELLNER, Steve; "Revolutionary and Non-Revolutionary Paths of Radical Populism: Directions of the Chavez Movement in Venezuela," *Science and Society* (abril de 2005), pp. 160-90.
- Ibid.* Ver também ARAVENA, Francisco Rojas; "Una comunidad de seguridad en Las Americas: Una mirada a la Conferencia Especial de Seguridad" *Foro* (nov 2003); pp. 10-15.
- LLOSA, Alvaro Vargas; "The Return of Latin America's Left," *New York Times*, 22 mar 2005. Ver também o General James T. Hill, Comandante, Comando Sul dos EUA (comentários) em WILLIAMS, Rudi "SOUTHCOM Faces Threats to Peace in Latin America, Caribbean," *American Forces Press Service*, 31 mar 2004.
- FRIEDMAN, Tom; escreveu extensa e eloquentemente sobre a globalização e suas consequências. Ver como exemplo *The Lexus and the Olive Tree* (Nova York: Anchor Books, 1999). Ver também TOFFLER, Alvin; *Power Shift* (Nova York: Bantam Books), 1990.
- Ibid.*
- The Economist*, 14-20 maio 2005, pp. 23-24.
- Anônimo, entrevistado pelo autor Miami, Flórida, 10 mar 2005.
- Ibid.*
- SOTERIO, Paulo; *O Estado de São Paulo*, citando o ex-presidente Fernando Henrique Silva Cardozo, entrevistado pelo autor, Washington, D.C., 17 fev 2005.
- O diálogo de segurança "westfaliano" baseia-se legalmente no Tratado de Westfália de 1648, entre o Imperador Sacro Romano e o Rei da França e seus respectivos aliados.
- Vale destacar que alguns intelectuais e jornalistas já começam a entender e a dizer que os protagonistas políticos não-tradicionais talvez não exijam prestar atenção contínua em uma política de segurança nacional. Para exemplos, ver BRYAN, Anthony T; *Transnacional Organized Crime: The Caribbean Context* (Miami, Flórida: The Dante B. Fascell North-South Center Press, University of Miami, 2002); Griffith, Ivelaw Lloyd; *Drugs and Security in the Caribbean: Sovereignty under Siege* (University Park, Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 1997); e "El delito como una amenaza geopolítica" disponível em www.darin.com/ 3 jul 2003. Pode-se encontrar algumas teorias relacionadas de assuntos internacionais em BUZAN, Barry; *People, Status and Fear*, 2ª edição. (Boulder, Colorado: Lynne Rienner Publishers, 1991); KRAUSE, Keith e WILLIAMS, Michael C., editores, *Critical Security Studies* (Minneapolis, Minnesota: University of Minnesota Press, 1997); AYOUB, Mohammed; "Defining Security: A Subaltern Realist Perspective," em Krause e Williams, pp. 121-46.
- Enquanto um mapa publicado não indica muitos dos problemas que destaca Kaplan, enfatiza este ponto em particular. Ver "World Conflict and Human Rights Map 2001/2002," preparado pelo Interdisciplinary Research Program for the Institute for International Media and Conflict Research con el apoyo de la Goals for Americans Foundation, Saint Louis, Missouri, jun 2003. É notável a idéia de que protagonistas internos e transnacionais possam ser tão importantes como os estados-nações tradicionais em determinar as tendências políticas globais e as consequências que articulou KAPLAN, Robert D.; em "The Coming Anarchy," *The Atlantic Monthly* (fev 1994); pp. 72-76, e em *The Coming Anarchy* (Nova York: Random House, 2000), pp. 3-57.
- Como exemplo desse debate, ver JORDAN, Amos A.; TAYLOR, F.; MAZARR, William J. e Michael J.; *American National Security*, 5ª edição. (Baltimore, Maryland: The Johns Hopkins University Press, 1999), pp. 3-46. Veja também TRAGER, Frank N.; KRONENBERG, Philip S.; editores, *National Security American Society* (Lawrence, Kansas: University Press of Kansas, 1973), p. 47; SCHULTZ, Lars *National Security United States Policy toward Latin America* (Nova Jersey: Princeton University Press, 1987), pp. 143-330.
- Declaração de consenso, *Conference on Charting New Approaches to Defense and Security Challenges in the Western Hemisphere*, co-patrocinada pelo *Latin American Caribbean Center of Florida International University* e o *Strategic Studies Institute (SSI)* da Escola Superior de Guerra dos EUA. (AWC), Coral Gables, Florida, 9-11 mar 2005.
- MANWARING, Max G.; *Conference on Charting New Approaches to Defense Security Challenges in the Western Hemisphere*, apresentado na conferência SSI, AWC, mar 2005.
- WEBB-VIDAL, Andy; "Chavez threatens to cut all ties with Colombia," *Financial Times*, 24 jan 2005. Disponível em: <http://news.ft.com/cms/s/1db6d82-6e37-11d9-a60a-00000e2511c8.html>, acesso em: 21 set 2005.
- CHILD, Jack; *Geopolitics and Conflict in South America: Quarrels Among Neighbors* (Nova York: Praeger, 1985), pp. 58-60.
- MANWARING, *Street Gangs: The New Urban Insurgency* (Carlisle, Pensilvânia: SSI, AWC, 2005), p. 17.
- CHÁVEZ FRIAS, Hugo fez estas declarações durante o "1º Foro Militar sobre Guerra de Cuarta Generación y Conflicto Asimétrico" na FAN, Caracas, *El Universal*, 8 abr 2005.
- HAMMES, Coronel Thomas X.; Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA., "4th-generation Warfare," *Armed Forces Journal* (nov 2004); pp. 40-44.
- Declaração de consenso.
- Entrevista, *The Economist*.
- Ibid.*
- Declaração de consenso.
- ESTY, Daniel C.; GOLDSTONE, Jack; GURR, Ted Robert; HARFF, Barbara e SURKO, Pamela T. "The State Failure Project: Early Warning Research for U.S. Foreign Policy Planning," em *Preventive Measures: Building Risk Assessment and Crisis Early Warning Systems*, editores, John L. Davies e Ted Robert Gurr (Nova York: Rowman & Littlefield, 1998).
- Declaração de consenso.
- KITSON, General Sir Frank; *Warfare as a Whole* (Londres: Faber Faber, 1987).
- Ibid.*
- LIANG, Qiao e XIANGSUI, Wang *Unrestricted Warfare* (Beijing, China: PLA Literature and Arts Publishing House, 1999), p. 2.
- Os termos "a primeira, segunda e terceira onda de guerra" foram generalizados por TOFFLER, Alvin e Heidi; em *War and Anti-War: Survival at the Dawn of the 21st Century* (Nova York: Little, Brown and Company, 1993).
- LIANG e XIANGSUI, p. 48.
- TOFFLERS, pp. 33-37. Ver também Michael Howard, *The Lessons of History* (New Haven, Connecticut: Yale University Press, 1991).
- TZU, Sun; nos advertiu há 2.500 anos que "na guerra, só os números não oferecem vantagens. Não avancem dependendo somente no puro poder militar." Ver Tzu, Sun; *The Art of War*, tradutor, Samuel B. Griffith (Londres: Oxford University Press, 1963), p. 122. XXX
- HART, B.H. Liddell; *Strategy*, 2ª edição, revisada. (Nova York: Signet, 1974), p. 333.
- METZ, Steven e JOHNSON II, Douglas V.; *Asymmetry and U.S. Military Strategy: Definition, Background and Strategic Concepts* (Carlisle Barracks, Pensilvânia: SSI, AWC, 2001), pp. 5-6.
- PETERS, Ralph; "Constant Conflict," *Parameters* (Summer 1997); p. 10. Ver também "The Culture of Conflict," *Parameters* (Winter 1995-95); pp. 18-27.
- HAMMES.
- MANWARING, *Conference*.
- MANWARING, *Street Gangs*, p. 8.
- METZ, Steven; "Relearning Counterinsurgency" (painel de debates, American Enterprise Institute, 10 jan 2005). Ver também SMITH, Paul E.; *On Political War* (Washington, DC: National Defense University Press), 1989.
- DORERO, Juan; "No. 1 Quits in Bolivia, and Protesters Scorn Nos. 2 and 3," *New York Times*, 9 jun 2005; e "New Bolivia Leader Promises Early Election," *Global Security News & Reports*, 10 jun 2005.
- AGUERO, Felipe e STARK, Jeffrey; *Fault Lines of Democracy in Post-Transition Latin America* (Miami, Florida: North-South Center Press, 1998), pp. 103-104, 109, e 216.
- NORIEGA, 28 de octubre de 2004.
- HAMMES.

O Coronel (Res) Max G. Manwaring é professor de Estratégia Militar e Diretor de Pesquisas "General Douglas MacArthur," na Escola Superior de Guerra do Exército dos EUA, Carlisle Barracks, Pensilvânia. Possui os títulos de Bacharel pela University of Utah, o de Mestre e Ph.D pela University of Illinois, em Urbana. Realizou os cursos da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército e da Escola Superior de Guerra do Exército dos EUA.